

# KUBA, CULTURA, ARTE E HISTÓRIA

KUBA, CULTURE, ART AND HISTORY

---



**DADOS DE ÁFRICA (S)**

ISSN: 2675-7799

Vol. 01 | Nº. 1 | Ano 2020

**Euclides V. Silva Afonso**

**Resumo:** Apresentamos neste estudo o processo de formação do Reino Kuba a considerar sua história, cultura e as produções artísticas. Atendemo-nos aqui articular também os adventos do Reino enquanto um povo da região Central do continente africano, o qual que fazia parte da região do antigo Reino do Congo. O Reino do Congo possuía uma enorme extensão e um grande legado histórico, a datar a sua existência, possuía uma vasta organização administrativa dos Reis e dos sobados, pois, com auxílio destes, os reis conseguiam administrar e ter posse outros territórios.

**Palavras-Chave:** Kuba; Artes; Formação.

---

**Abstract:** In this study we present the formation process of the Kuba kingdom, considering some aspects of its culture and artistic productions. In view of this, we sought to articulate the advent of the kingdom as a people from the Central region of the African continent, which was part of the former region of the former kingdom of the Congo. The kingdom of Congo was a very large, august kingdom with a huge historical legacy, dating from its existence, it had a vast administrative organization of kings and sobados, with the help of these, the kings were able to manage and take possession of other territories.

**Key words:** Kuba; Art; Formation.

**Site/Contato**

**Editores**

Cinthia Nolácio de Almeida Maia  
[cinthianolacio@yahoo.com.br](mailto:cinthianolacio@yahoo.com.br)

Rita de Cássia Nascimento dos Santos  
[rita.tic@gmail.com](mailto:rita.tic@gmail.com)

## KUBA, CULTURA, ARTE E HISTÓRIA<sup>1</sup>

Euclides Victorino Silva Afonso<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O continente africano é um dos espaços mais antigos do planeta terra, possui aproximadamente uma extensão territorial de 30 milhões de km<sup>2</sup>, equivalente a 22% da superfície da terra (MACEDO, 2013). Dividido em regiões distintas como planalto setentrional, central, meridional e as montanhas do leste. Os países do planalto setentrional fazem parte do Magrebe no Norte do continente e composto por Egito, Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos e Saara Ocidental. A África Central é a sub-região que fica no centro do continente que corresponde os seguintes países: Angola, Burundi, Camarões, Chade, Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa, Gabão, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe, República Centro-Africana e Ruanda. Procuramos apresentar neste trabalho o processo de formação do povo Kuba e sua arte. Um estudo baseado numa abordagem qualitativa com consultas bibliográficas, sem embargo, importa realçar que as fontes usadas relativo ao reino Kuba foram delimitadas. Neste primeiro estudo as bibliografias foram circunscritas nas análises de materiais que fizessem menção ao povo, uma vez que certas informações encontradas do povo Kuba era quando se destacava de Reinos vizinhos (Luba e Lunda), servindo-se de exemplo e relacionado com os adventos históricos em aspectos culturais e traços identitários.

A exploração de dados em plataformas digitais apesar de serem pouquíssimas, foram substanciais para aproximar os pontos fundamentais e alcançarmos os objetivos. Numa primeira fase desta pesquisa procuramos trazer os tópicos encontrados aqui e futuramente aprofundá-los. Na primeira parte do texto apresentamos a origem do povo e em seguida localizamos, mostrando assim as fronteiras e rios que fazem limites com o Reino. Na mesma secção discutimos o sistema político organizacional relacionando com outros territórios vizinhos. Na última parte apresentamos imagens, tecidos e máscaras que representam uma parte da cultura do povo.

Para melhor compreensão dos leitores neste trabalho, servimo-nos de referência ao estudo de John Thornton sobre a importância das representações dos mapas e imagens. Thornton (2004) argumenta em África e os africanos, formação e o mundo Atlântico acerca dos mapas da geografia

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um ensaio introdutório numa primeira fase da pesquisa. Importa dizer que tivemos algumas dificuldades ao longo do estudo em acessar as referências mais antigas que nos fornecesse outras informações sobre o Reino. O tema foi fruto de um diálogo com o professor doutor Pedro Acosta Leyva da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-MALÊS).

<sup>2</sup> Estudante de licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. (UNILAB-MALÊS). É também estudante do programa de Pós-Graduação em Lato Sensu em Estudos Africanos e

pré-colonial. Para o autor, sem nenhuma referência adequada para estabelecer com exatidão os limites e as fronteiras documentadas, o estudo se torna impreciso. O historiador traz a importância das representações dos mapas em seu estudo resultante de uma ampla pesquisa, na qual destaca a dificuldade na ilustração dos mapas nos estudos da África, principalmente em um estudo de natureza documentada. Thornton fala sobre a determinação dos limites geográficos que ajudam na compreensão das áreas estudadas e delimitação das fronteiras, portanto, com os povos Bakuba procuramos delimitar o tema e trazer imagens, mapas e ilustrações que serviram de identificação para situar a localização do povo e assim contextualizar as suas dinâmicas.

## **FORMAÇÃO DO REINO KUBA**

A fase de formação do Reino Kuba está entre os séculos XV e XVI, partindo do litoral e se fixou as margens do Rio Congo (JAGUARIBE, 2001). Chegou a abarcar aproximadamente 100.000 Km de extensão e com uma população de 100.000 habitantes, governado por uma aristocracia composta por um rei chamado Nyimi, seu Reino responsivo a um conselho composto por representantes de diferentes elites locais (SILVA, 2012). O final do século XV e início do século XVI até o XVII, foi um período de grandes movimentos e formação de Reinos no continente africano, entretanto, nessa época, o homem organizou os grandes espaços e utilizou estruturas políticas para formar Estados (OBENGA, 2010, p. 650)

O continente africano sempre foi um lugar onde as sociedades se encontravam em constantes mudanças e movimento, desde a fundação dos Reinos, suas estruturas e organizações. A hipótese de que os europeus no tocante à história da África e sua modernização, impuseram e influenciaram as suas sociedades com a escravidão e o comércio. A escravização predisponha para os europeus que o continente africano precisava de “mudanças” (AFIGBO, 2010, p.567). Até as formas do colonialismo europeu sobre as sociedades africanas, eram ainda sociedades “estáticas” sem produtividade. O nacionalismo europeu, sobretudo colonial, possuía uma conotação que colocava de lado as sociedades africanas, que concordou com as mudanças sob domínio colonial para a modernização (AFIGBO, 2010).

Kuba possui na sua maioria uma composição clânica dos povos Bantu que emigraram do Norte da África para diversas partes do continente (AFONSO e LEYVA, 2010). Os bantu foram a primeira leva de povos do tronco linguístico Proto-Bantu que se estabeleceram nas regiões do Bas-Congo no Rio Uele, aproximadamente entre 2.000 anos a. C. Este povo saiu da região do

Benue, estado Leste da atual Nigéria. São originários das terras da atual fronteira entre Camarões e Nigéria que chegaram até a bacia do Congo em séries de migrações aí encontrando diferentes povos que já habitavam na região por volta de 80.000 anos a. C. Fixaram-se nas zonas da floresta tropical e nas savanas do Sul, expulsando os povos nativos, como os pigmeus no Norte da floresta do Congo.

O termo Bantu é também uma categoria utilizada para definir os grupos etno-linguísticos que habitavam a região Centro-Sul do continente africano (CAREGNATO, 2011). O antigo Reino do Congo abrangia Angola, o atual Gabão e há evidências de grupos étnicos Bantus no Camarões, o atual Congo Brazaville e Kinsha, a República Democrática do Congo localizado na África Central, possui uma área de 2.345.000 km<sup>2</sup>, além da segunda maior floresta tropical do mundo (AFONSO, 2019, p.70).

O Reino do Congo foi fundado por *Nimi-a-Lukenie*, conhecido como Mani Kongo. O rei do Congo era também chamado por Ntino. Ntino tinha construído o Reino por uma aliança dos reis da região de *Mbata, Kabunga*, no vale do Inkisi (SOLVA, 2012, p.76). Conseguiram várias conquistas e vitórias sobre outros povos (SILVA, 2012, p. 65). Congo teve sua origem numa chefia de Vungu no Norte do Rio (SILVA, 2012). Quanto ao processo de formação do Reino do Congo, não se conhece a data verdadeira, mas há autores que defendem que a sua formação está ligada, segundo um raciocínio analógico, ao século IX. Outras referências a datar a sua existência, indicam que a sua fundação está entre 1300 e 1400 (OBENGA, 2010, p. 650). Pois, no Reino havia chefias de pequenos Reinos e conglomerados de líderes que cobriam todas as regiões rio abaixo, tanto no Norte quanto ao Sul (SILVA, 2012, p.150).

Os Reinos eram criados acima de uma estrutura organizacional e chefia que dava a sua continuidade através de repartições administrativas e por províncias com poder centralizado. As chefias eram formadas por aldeias de homens com idade superior e com bastante experiência nas regiões e o seu clã estando sob sua liderança. Na sua maioria, os Reinos africanos foram estruturados a partir de um modelo comum, seguindo as mesmas estruturas (C. K. Meek Apud ALTUNA, 2014). Delafosse (2014) afirma que, seja qual for o grau de desenvolvimento alcançado pelas instituições políticas dos negros da África e o grau de desenvolvimento dos seus Estados, as suas organizações e funcionamento apresentavam sempre em todas as partes as mesmas características (ALTUNA, 2014, p.98). Hilda Kuper assegura ainda que há um modelo tradicional em cada tribo, agrupada por um chefe hereditário, ligado por um número de categorias econômicas e políticas. Os líderes políticos são continuamente os mais velhos, auxiliados por outros adultos com experiência que servem de conselheiros, presentes para o bem das comunidades (ALTUNA, 2014).

Kuba teve o seu processo de estruturação e organização política. A sociedade conguesa encontrava-se dividida em classes, tinha a nobreza e o povo. Na nobreza existiam pessoas que faziam parte de grandes privilégios em relação a outros grupos sociais, gozavam de regalias e eram merecedores de respeito. Os povos da região do antigo Reino do Congo habitavam em comunidades diferentes e todos eles defendiam as suas terras dos invasores. O acesso aos rios e a produção como a agricultura levou muitos povos a se tornarem independentes e formarem organizações. Existiam chefes em cada aldeia, chamados de sobados, que tomavam conta de cada região, das famílias e das terras, sobretudo das plantações. O povo pagava imposto aos Reis, tributos que eram recolhidos pelos funcionários.

A organização política e administrativa facilitou espaços na emancipação e soberania dos Reis e dos reinados. Os reinos diferenciavam-se também na sua superintendência tanto na magnitude territorial e centralização política, concêntricos de poder que irradiava desde a capital mediante o poder Central (CONDOLO, 2002 Apud SILVA, 2012). Congo foi uma das organizações políticas que teve maior destaque nas regiões centrais (CAREGNATO, 2011), segundo Caregnato, no reino do Congo:

Preponderava a política administrativa perante os outros reinos e microrreinos que estavam próximos, submetendo-os a um regime de interdependência ou subserviência econômica e militar. Essas são algumas razões que despertaram nos europeus interesses nos benefícios que poderiam advir ao dominar esse território (CAREGNATO, 2011. p. 3).

O que significa que as comunidades se diferenciavam em termos de tamanho e escopo, de pequenas sociedades segmentárias nas florestas tropicais e poder distribuídos, desde o clã e as chefias das aldeias até as complexas estruturas hierárquicas de Reinos (SILVA, 2012). Apareciam outras organizações e as outras deixavam de ser subordinadas ao se tornar livres e formavam as suas próprias estruturas políticas e administrativas.

## LOCALIZAÇÃO E SISTEMAS POLÍTICOS

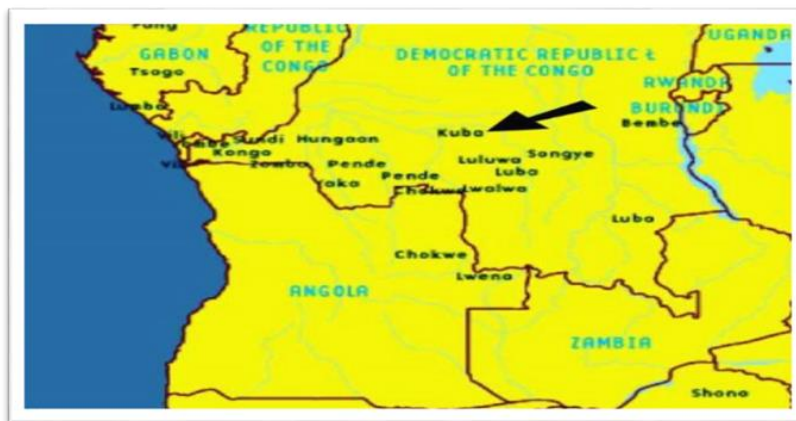
Geograficamente, Kuba encontra-se limitado pelos Rios *Sankuru*, no Norte limitado com a região *Lulua (Luluwa)* a atual região de *Cassaí* em *Kananga*, a Oeste segue Rio *Cassai* e o Rio *Lukenie*, ao Leste pela província do *Lomami* e no Norte limitado pela região do *Songye*. Kuba foi um Reino criado às margens de Caasai na atual região da República Democrática do Congo.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Ver Catawiki Tecidos Kuba Shoowa. Disponível em: <<https://www.catawiki.pt/1/23275113-pano-1-tecido-kuba-shoowa-congo-belga>> Acesso em: 13.08.2020.

Muitos povos da região tinham como fonte de abastecimento os rios. Nas margens dos rios faziam o comércio predominantemente Luba e Lunda. Entretanto, há aqui dois elementos importantes a se destacar na formação dos Reinos para o seu estabelecimento: o rio como fonte de abastecimento e valioso para o desenvolvimento das transações comerciais e o próprio comércio com outros povos. O Rio *Lulua* era uma região onde o comércio predominava (MUSEU AFRO BRASILEIRO, 2014).

**Imagem 1. Ilustração do mapa da região Kuba.**



**Disponível em: internet. Título da imagem: Del África negra**

A Civilização Kuba floresceu nas regiões do antigo Reino do Congo com um conglomerado de vários principados menores. Composta por diversas etnias que correspondiam aproximadamente aos vinte grupos Bantu, que se uniu e formaram uma federação, por esta razão formam uma federação chamada Kuba, com significado de “relâmpago” (AFONSO e LEYVA, 2019), com clãs Bakongo que possuem grau de parentesco que configuram as existências de suas ancestralidades, religiosidade e cultura.

Dominantes pelos Bushong e a aristocracia Kuba, composto também pelo grupo dos Ngeedes, os Ngongos, os Shoowas, Ngombes, Balobas, Kaams e Bieengs. Fortalecidos e liderados na sua maioria pelos Bushongo, devido ao seu mecanismo de defesa, isolou-se geograficamente e protegeu-se da devastação do comércio de escravo. Foi com a etnia Bushongo que se juntou a outros povos que gerou o Reino. Bushongo possuía o maior domínio em relação aos outros grupos étnicos, tomavam tudo, a sua estrutura estava formada por um sistema rígido e de mérito. As chefias de clãs dos Buchong eram conhecidas como Lançadores de faca. Os Reinos possuíam estrutura idêntica de símbolos políticos e de uma legitimidade dos reis. Alguns Reinos acabaram sendo alvos de invasões, tornando-se enfraquecidos e acabaram dominados por outros reinados com a penetração ao longo do tempo (SILVA, 2012, p.75). Por exemplo, o Reino Yeke e Kuba foram Reinos que perderam as suas estruturas com a chegada dos colonizadores belgas.

A captura de escravos e a denominação dos territórios acabou enfraquecer as unidades políticas dos Reinos.

O Reino Luba teve um sistema político estabelecido de carácter durável de governo, baseado na legitimidade do rei (mulopwe, o rei) e num governo de gabinete real (Mulopwe), com um conselho (Bamfumus). Este modelo de governo se expandiu em alguns Reinos com uma estrutura organizacional semelhante. O continente africano é um dos continentes onde podemos encontrar estruturas governamentais complexas, organizadas e com funções distribuídas (ALTUNA, 2014). Os Lunda adotaram o mesmo sistema de governação de Luba, um sistema de poder que era comandado por chefes e nobres locais e os trabalhadores dos reis tinham que prestar a sua lealdade, mantendo a mesma estrutura com os Bakuba. Os reis de Kuba controlavam os recursos de um ambiente ecológico diversificado, construíram redes de comércio que facilitou obter cobre de longe, e, mais tarde, até mesmo comprar ativos ornamentais valiosos como conchas de búzios, que ajudou no crescimento de sua economia.

Os Reinos opuseram-se em grandes lutas após a presença dos Belgas nesta região Centro africana. Muitos Reis foram contra as forças coloniais e se tornaram um pilar das resistências africanas, como o rei Ambweeky aMileng (SILVA, 2012, p.75). Uma das resistências nesta região na dominação belga foi o Reino Chokwe, que resistiu até 1910 (Hernandez, 2008). No período dos séculos XIV e XV, o interesse dos europeus em África era maior, que resultou numa onda de comércio e se intensificou tornando-se cada vez mais violentas as relações com os Reis africanos. No continente africano tanto nas regiões Ocidental e Oriental, o domínio europeu não aconteceu de forma fácil e rápida, o seu apogeu ou o domínio efetivo dos territórios começou a partir dos anos de 1880-1935 (RODNEY, 2010). Foi nesta fase que os europeus lançaram bases de relações de produção caracteristicamente colonial.

O rei Belga estava ambicioso em ocupar terras e na comercialização de escravos. Uma das preocupações da rápida ocupação foi a sua chegada tardia em África (SILVA, 2012). Alguns reis, nesta fase foram mortos, o caso do Rei Msiri. Este recusava ceder suas terras para Leopold. O Rei Msiri foi morto por uma expedição de 400 tropas na luta da região de Katanga no reino Yeke. O Reino Yeke era um Reino recente, existiu entre os anos de 1856 a 1891, sendo que estava numa fase de ascensão na chegada dos europeus. Após a morte de Msiri um dos seus filhos tomou a liderança. Kuba vivia da pesca, da caça, de coletas de alimentos, frutos, raízes e vegetais comestíveis, introduziu uma cultura de um novo mundo, como a cultura do milho, do tabaco, da mandioca e do feijão, sem esquecer a cultura de tecelagem de rafia em técnicas artísticas sofisticadas e modernas.



**Imagem 2. Povo Kuba**

**Fonte: Civilizações Africanas**

O povo Kuba possuía uma arte que chegou a dar voltas pelo mundo, conhecidos pela sua arte de reprodução de tecidos de rafia transformados em fibras finas. Muitas das produções de Kuba estavam envolvidas com os Reis. Ora, eles eram os principais beneficiários das produções, possuíam as ricas peças, como as máscaras e os tecidos valiosos. Outros beneficiavam dessas riquezas eram os sacerdotes e as classes da nobreza, os quais tinham acesso aos materiais em primeira mão e das melhores. Produziam chapéus em fibras, miçangas, tapetes e panos Shoowas, joias, tecidos para homens e para mulheres com grande criatividade que conseguem expressar a cultura. Muitos dos produtos serviam e servem como dotes. Esta prática de alguns objetos serem doados como dotes é cultural em algumas regiões da África Central de África, exemplo de Angola.

No caso dos panos são utilizados em celebrações, apresentações em festas ou em ato para receber uma mulher de outra família, em cerimoniais de união de um homem e uma mulher. Conhecido em determinadas regiões de Angola como alambamento (Kamalonga). Kamalonga é um ritual ligado ao mundo Bantu e tem como objetivos a aliança entre famílias e a valorização da mulher naquela cultura, frequente na República Democrática do Congo (ANTÓNIO, 2018, p.18). Neste caso, produtos servem de dotes para a família da noiva e outros produtos são dirigidos a mãe, ao pai e a tia da noiva. Os objetos são repartidos entre as famílias, ora, esta ação de levar dotes à família da noiva, entrega de materiais valiosos, ainda é muito frequente atualmente assim como em épocas passadas.

Em Angola, o alambamento ou pedido (da mão da noiva) é ainda uma tradição cultural bastante forte, e chega ser mais importante do que o casamento civil ou religioso. O alambamento consiste numa série de rituais, como por exemplo a entrega de uma carta com o pedido da mão da noiva, ofertas em bens e por vezes até mesmo dinheiro. Os tecidos são também



utilizados como peças decorativas, remotamente foram peças de roupa e moeda de troca. O pano em África para determinadas culturas as mulheres utilizam para mostrar a sua destreza, usados em trabalhos de casa e sinal de beleza africana<sup>4</sup> podendo ser usados para eventuais saídas, festas e celebrações.<sup>5</sup>

### Produção Kuba

#### Imagem 3. Mulher a bordar o pano



Fonte: Civilização Africana

#### Ilustrações de tecidos

#### Imagem 4. Representação do tecido de rafia Kuba Shoowa, Congo.



Fonte: Claudio Zeiger

#### Imagem. 5 Tecido - Kuba / Pano Shoowa - Congo Belga

---

<sup>4</sup> Consultar a página Afro e África, 2012.

<sup>5</sup> Ver CIVILIZAÇÕES AFRICANAS, 2019.



**Fonte: Tecido Kuba Shoowa**

Já os desenhos têm passado de geração a geração na cultura Kuba, resistindo ao tempo. Kuba são exímios mestres de produção de tecidos, na qual demonstram a originalidade e primor técnico. A qualidade da produção têxtil e o tecido Ráfia Bakuba fez com que muitos criadores de artes, pesquisadores e artesãos fossem à procura dos objetos (MUSEU AFRO BRASILEIRO, 2014). A produção dos tecidos ocorre por etapas, primeiramente retirada das folhas, depois vem o processo de preparação das fibras e depois tornar os tecidos finos para bordar. Os artífices exercem o trabalho congregando uma quantidade razoável de pessoas, homens, mulheres e crianças (MUSEU AFRO BRASILEIRO, 2014). O ofício do tecelão é uma técnica intrincada, ou seja, embaraçosa e de difícil execução. Há uma relação complexa entre a urdidura ao fabricar, a trama e a ordem de fiação no ato de tecer. “O resultado estético dessa fiação com seus motivos geométricos e abstratos serviu de inspiração para muitos artistas contemporâneos” (MUSEU AFRO BRASILEIRO, 2014). Entre as formas do bordado do povo Kuba os mais notáveis são os chamados “Veludos do Kassai”, fabricados especialmente pelo grupo Shoowa. Cada etnia no Kuba tinham uma técnica diferente e sem relação com as outras.

### **Ilustrações das máscaras**



**Imagem 6 e 7. Máscara Mwaash Kuba**



**Fonte: Civilizações africanas do Reino Kuba**

Importa dizer que o termo “arte africana” “é uma expressão elaborada pelos estudiosos da arte mundial para englobar toda a produção artística tradicional das centenas de povos que viveram e vivem na África” (REZEND, 2013, p. 14 Apud EIST: 2010, p. 04). “Dentre as expressões mais conhecidas da arte dos povos africanos podemos destacar a música, as máscaras, as danças” (REZENDE, 2013 p. 15). Os artistas africanos confeccionavam seus objetos utilizando diversos materiais presentes na natureza. Por exemplo, faziam esculturas de marfim, argila, máscaras de madeira e ornamentos de metal, como o bronze e o ouro, como nas imagens abaixo. Segundo Rezende, na sua maioria, as peças são feitas de madeira. Muitos instrumentos como as máscaras, apesar de alguns serem anônimos, são consideradas especiais e têm de ser respeitadas, com um importante papel de perpetuar as tradições, os ritos, crenças, a religiosidade, isto é, a memória de um povo para as novas gerações (REZENDE, 2013).

A máscara africana assume a entidade que ela representa, ou seja, cada máscara tem a sua utilidade e acarreta um significado a depender do momento, transformando-se no espírito evocado pela própria máscara que passa a residir dentro do corpo da pessoa que a usa. A máscara africana procura captar a essência do espírito, e não os seus traços físicos reais, por isso, ela faz uso de distorções e abstrações.

Kuba é conhecido pela sua arte de produção de máscaras, de objetos sagrados que têm um enorme significado. Muitas culturas africanas exprimem em suas máscaras elementos morais (OLIVEIRA, 2013). Desse modo, as máscaras representariam a história individual do sujeito que dialoga com o meio social, expressando-a no rosto ao gerar essa máscara e por causa da complexidade dos papéis sociais, criam-se máscaras que são incorporadas pelas pessoas (OLIVEIRA (2013, p. 2). Por exemplo “As máscaras africanas dos Senefu, do povo da Costa do Marfim, têm os olhos quase fechados, simbolizam uma atitude pacífica, autocontrole e paciência,” cada máscara têm o seu significado e o seu contexto (DOMINGOD, 2017). Outro exemplo da criação de máscaras africanas, os Grebo, também da Costa do Marfim, os olhos

redondos nelas impressos representam estado de alerta e raiva, o seu nariz reto significa determinação e decisão.

Sobre às produções Kuba, cabe lembrar que elas são atribuídas um conjunto de diferentes elementos raciais e culturais, resultantes da sua constituição por diferentes grupos, que prevaleceu ao longo dos tempos. Kuba possui uma arte emblemática e de prestígio na sua sociedade, com representações de seus deuses. Suas máscaras têm conexões entre o mundo físico e o mundo espiritual, usadas para marcar importantes períodos de transição e transformação social. Outras aparecem nos atos fúnebres, celebrações, em investidas dos Reis ou quando assumiam um título político. Também são usadas nas danças em forma de homenagear os antepassados e exercer os seus poderes de cura, como doenças, problemas nas aldeias e nas comunidades.

Em Serra Leoa, boca e olhos pequenos representam humildade, enquanto uma testa grande saliente representa sabedoria. Já no Gabão, queixo e boca grandes representam autoridade e força. As máscaras Kuba podem ainda conter peles de animais rodadas como uma espécie de barba ou ainda em formato de penas, cascas de nozes e uma barba de Ráfia, para completar sua estrutura em algumas situações. Determinadas máscaras aparecem separadas, ou seja, precisam ter outros elementos que as completem. Muitas vezes, uma máscara sozinha pode ficar fora do enquadramento representativo. As máscaras Bakuba muitas delas são utilizadas em eventos públicos, cerimoniais e rituais. As máscaras, assim como muitas outras coisas, são reservadas apenas para o rei, procedimentos de iniciação, rituais de purificação, cumprimento das leis e funerais. São sempre os homens que dançam com as máscaras, embora certas personagens femininas possam ser representadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À guisa de conclusão, Kuba foi um Reino criado às margens do Rio Cassai no Sul da República Democrática do Congo. Foi uma civilização formada por diferentes etnias que chegou a constituir uma federação de várias comunidades, lideradas pelos Xongos. Chegou a ser independente até o estabelecimento do Império Belga em 1885 do Estado livre do Congo, sendo que os belgas se aproveitaram de uma série de rebeliões no Leste e as invasões dos Lulus no Sul que causou o seu enfraquecimento. Assim, os Reis foram forçados a deixarem seus territórios e perdiam as suas lideranças. Os europeus começavam a provocar fragilidades nas estruturas da organização dos reinos e muitos dos oficiais menores rivais dos reinos foram excluídos. O Norte da África entrou numa era do imperialismo econômico europeu, mas a região Ocidental e

Oriental do continente o domínio europeu não se deu de forma rápida, pois, os reis africanos resistiram muito e não abriam mão de seus territórios de forma fácil, por essa razão, o domínio efetivo dos territórios africanos só viria a acontecer em algumas partes de África entre os anos de 1880-1935.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFIGBO, A. E. Repercussões sociais da dominação colonial: novas estruturas sociais. In: BOAHEN, Albert Adu (Ed.). **África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

AFONSO. E. V. S. **Surgimento do movimento Tocoismo**: Simão Toco- Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo. 2019. <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos23/4-euclides-dossie.pdf>> Acesso em: 31/03/2020.

AFONSO. E. V. S. LEYVA. A. P. **Reino Kuba**. 2019. Disponível em: <http://semanauniversitaria.unilab.edu.br/submissao/gerarTrabalho.php?idTrabalho=3205>. Acesso: 12/04/2020.

ALTUNA. R. R. A. **Cultura tradicional Bantu**. Portugal: Editora Paulinas, 2014. 2ª edição.

ANTÓNIO. A. F. J. **Casamento tradicional na etnia bakongo (kamalongo) em Luanda-Angola**. 2018. Disponível em: [http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/846/1/2018\\_proj\\_fantonio.pdf](http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/846/1/2018_proj_fantonio.pdf) Acesso em: 04/04/2020.

CAREGNATO. L. Em terras do ngola e do manikongo: Descrição dos reinos do Kongo e N'Dongo no século XX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo**, julho 2011.

HENDERSON. W. L. **A Igreja em Angola**. Lisboa: Além do mar, 1990.

HERNANDEZ, L. L. **A África na sala de aula. Visita à história contemporânea**. 4º Edição. - São Paulo: Selo Negro, 2008.

JAGUARIBE. H. **Um estudo crítico da História**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

OGOT, B. A. (Org). **História Geral da África, Vol. V – África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

OLIVEIRA. T. M. M. **O poder da máscara no psicodrama: A sombra e a luz**. 2013.

REZENDE. E. C. O Sentido Social das Máscaras Africanas e o Seu Uso Como Objeto Pedagógico em Sala de Aula. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE Produções Didático-Pedagógicas. 2013. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013222/2013\\_fafipa\\_hist\\_pdp\\_evandro\\_carlos\\_de\\_rezende.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013222/2013_fafipa_hist_pdp_evandro_carlos_de_rezende.pdf). Acesso em: 18/03/2020.



RODNEY, Walter. A economia colonial. In: BOAHEN, Albert Adu (Org). **História Geral da África. África sob dominação colonial, 1880-1935, vol. VII.** Brasília: UNESCO/MEC, 2010, p. 377 – 399.

SILVA. Castellano. Igor. **Congo, a Guerra Mundial Africana: Conflitos armados, construção do Estado e alternativas para paz.** Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2012.

THORNTON. J. **África e os africanos, formação e o mundo Atlântico.** 1400-1800. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VISENTINI. P. F. **A África moderna.** Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2010.

## FONTES CONSULTADAS

DOMINGUES. E. J. **ENSINAR HISTÓRIA.** Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/mascaras-africanas-recortar-colorir/>. 2017. Acesso em: 06/03/2020.

LIMA ESTAMPARIA. Disponível em: <[http://celsolima.zip.net/arch2011-01-30\\_2011-02-05.html](http://celsolima.zip.net/arch2011-01-30_2011-02-05.html)> Acesso em: 13/07/2019. Publicado aos 01/02/2011.

CASA VOGUE. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Arte/noticia/2014/09/tecidos-da-nobreza-africana-em-exposicao.html>> Acessado em 24/10/2019.

BRITANNICA. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Kuba-historical-kingdom>> Africainformações < Acessado em: 16 de Julho de 2019.

\_\_\_\_\_, Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Kuba-historical-kingdom>> Africainformações redigida por editores da Enciclopédia Britânica>Acessado em 16 de Julho de 2019.

CIVILIZAÇÕES-AFRICANAS: Disponível em: <<http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/02/reino-kuba.html>> Acesso: 24/08/2020.

CABRAL. P. A. Museu afro brasil. av. parque Ibirapuera/portão 10 04094 050/ são Paulo/sp. brasil/fone 55 11 3320 8900. Disponível em: <<http://museuafrobrasil.org.br/programacaocultural/exposicoes/temporarias/detalhe?title=%E2%80%9CArte+Bakuba+%E2%80%93R%C3%A1fias+e+Veludos%E2%80%9D>>Acesso em : 06/03/2020.

MEGA CURSO: Disponível em: <[https://www.megacurioso.com.br/ciencia/109696-porque-pessoas-brancas-costumam-ser-chamadas-de-caucasianos.htm?fbclid=IwAR0LBQ1hR5b3wRwH\\_drRyMDuVyLT--zZPsOrl-K4Aykpnsn8cvoPTK8qzv8](https://www.megacurioso.com.br/ciencia/109696-porque-pessoas-brancas-costumam-ser-chamadas-de-caucasianos.htm?fbclid=IwAR0LBQ1hR5b3wRwH_drRyMDuVyLT--zZPsOrl-K4Aykpnsn8cvoPTK8qzv8)> Acesso: 28/03/2020.

SUA PESQUISA. **Geografia da África.** Disponível em: <[https://www.suapesquisa.com/geografia/africa\\_setentrional.htm](https://www.suapesquisa.com/geografia/africa_setentrional.htm)> Acesso em: 15/02/2020.

APRENDER KIKONGO. Disponível em: <<https://www.kiakongo.com/aprender-kikongo/regra-geral-kikongo/>> Acesso em: 28/03/2020.

LISOPO YA KAMA. Disponível em: <[http://en.lisapoyakama.org/the-kuba-kingdom/?fbclid=IwAR1HF5a\\_sNTf2ZV35C8xKIcrG2-AC2KGVHqLGGLVqLLk41oXqVCkaMf2xeE](http://en.lisapoyakama.org/the-kuba-kingdom/?fbclid=IwAR1HF5a_sNTf2ZV35C8xKIcrG2-AC2KGVHqLGGLVqLLk41oXqVCkaMf2xeE)> Acessado em: 28/03/2020>.

GLOBAL VOICES. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2010/08/29/angola-o-alambamento-e-os-rituais-do-casamento/> Acesso em: 04/04/2020.~

ZEIGER. C. Tecido de rafia Kuba Shoowa-Congo1Disponível em: <<http://claudio-zeiger.blogspot.com/2012/03/tecido-de-rafia-kuba-shoowa-congo.html>> Acesso em: 20/07/2019.

Recebido em: 10/04/2020

Aprovado em: 16/06/2020